

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um modo geral, este trabalho procurou estar norteado pela crítica biográfica contemporânea, aceitando o pressuposto de que é produtivo transitar entre a leitura da obra – entenda-se aqui num sentido lato – e os registros da vida do escritor. Para tanto, demo-nos a possibilidade de especular sobre a vida de Ferreira de Castro e promover a reconstituição de sua trajetória através de algumas de suas marcas autorais, utilizando fontes diversas, sem, no entanto, requisitar para a nossa pesquisa um estatuto de verdade. Pelo contrário, as ‘verdades’ expostas aqui possuem um caráter inerentemente relativo à sua constituição. A nossa exposição esteve em consonância com algumas das diversas formas possíveis de ler a vida de um autor canônico e, para lembrar Nietzsche, sabemos que toda interpretação é um ato de ‘violência’. Por isso, temos consciência de que as escolhas desta remontagem textual foram nossas e sabemos-las devedoras a outras constituições que, por sua vez, também não são primárias, pois as palavras, segundo o criador de Zarathustra, são interpretações, antes mesmo de sua formação enquanto signos. Procuramos também, através da análise feita, contribuir para os estudos castrianos, uma vez que da leitura realizada é possível depreender que todo projeto ideológico requer um projeto estético – requer uma ‘forma’ – e vice-versa. Assim sendo, é legítimo investigar os planos que marcam os seus respectivos desenvolvimentos, sem desmerecimento de uma ou de outra parte, pois ambas se imbricam no fazer literário.

Viu-se em nossas linhas como um escritor se forma em consonância com as forças políticas, filosóficas e literárias do seu tempo, isto é, as contingências históricas que os formam tendem a moldá-los nos seus ideais. Procuramos verificar a consonância do projeto literário castriano com o ideário marxista compartilhado ou, no mínimo, tangenciado por vários escritores da sua geração, principalmente os neo-realistas portugueses e os modernistas brasileiros do “Romance de 30”. Portanto, vimos como o escritor lança seu olhar criador às realidades cruéis inerentes à sociedade capitalista e de classes, elaborando a sua ficção literária de forma a propor, através da crítica contida nos romances, uma transformação das estruturas da sociedade efetiva.

O encontro com duas narrativas centrais na obra de Ferreira de Castro, *A Selva* e *A Lã e a Neve*, determinou uma leitura crítica que, ao fim e ao cabo, constituiu-se no jogo entre aproximações e diferenciações, continuidades e descontinuidades. Ambas englobam momentos importantes do amadurecimento intelectual do seu autor, estando a primeira em sintonia direta com a experiência vivida e a segunda sendo fruto da motivação do intelectual ativo, que deseja evidenciar aspectos sociais precários pelos quais não passou diretamente, mas lança mão de sua criação artística para elaborá-los. Apesar da distância temporal de 17 anos entre os dois romances, seus respectivos projetos narrativos remetem o leitor para duas situações ficcionais caracteristicamente exemplares, que, por um lado, provam a escolha de uma forma de narrar que viabiliza o seu caráter didático e a ação pedagógica; por outro, demonstram o compromisso do seu autor com a construção de uma outra sociedade, com bases socialistas, na qual a justiça e a igualdade guiem a conduta humana e social, evidenciando um convite à luta, à intervenção e, por fim, à transformação.

As obras destacadas serviram, à época, de contraponto ao regime totalitário que vigorava em Portugal, porque puderam proporcionar esteticamente uma via libertária, quando pensar publicamente a liberdade naquele país era proibido: *A Selva* (1930) escrito ainda sob as agitações do golpe militar que pôs fim a República em 1926, *A Lã e a Neve* (1947) criado sob a opressão social e a censura intelectual promovidas pelo Estado Novo, instituído em 1933, substituindo o governo militar por um regime fascista.

No que tange à proximidade do escritor com a ideologia socialista, exploramos as evidências lidas em sua trajetória, em seus posicionamentos, mas, principalmente, em seus dois romances postos no foco desta dissertação. Em *A Selva*, sendo primordial a conquista, pelo protagonista, da sua emancipação, no sentido já explicado de recuperação daquilo que lhe é essencial – a dimensão humana, o sentimento da igualdade e o valor da solidariedade –, que por motivos externos a si, como a ideologia de classe, estavam interdito-os; no *A Lã e a Neve*, à primeira vista, dá-se quase o inverso, na medida em que Horácio em nenhum momento é preconceituoso e arrogante com os seus companheiros; todavia, também ele precisa deixar seu individualismo de lado para desenvolver uma consciência de classe. Tendo em vista sua migração e sua integração ao operariado da Covilhã, é necessária, para a afirmação do compromisso político do

livro, a mudança de ponto de vista do protagonista, abandonando aquele de uma classe intermediária, o campesinato – na perspectiva marxista –, e assumindo o da classe inerentemente revolucionária, o proletariado, para que, justamente, pudesse enformar arquetipicamente em sua trajetória a transformação da sociedade portuguesa.

Durante o percurso da pesquisa e da escrita, buscamos evitar o resvalamento de optar por provas para cada afirmativa feita sobre um nome canônico. O que se tornou determinante para o estudo empreendido foi colocar em evidência, e simultânea articulação, a relação entre as várias marcas autorais ou os rastros textuais e a vida do autor, como também entre suas obras e os aspectos culturais que as circundaram e marcaram. Nesta proposta, percebemos o grande valor da experiência, assinalando suas nuances, mas sem, contudo, utilizar a obra como imagem fidedigna do escritor, pois sabemos a existência de intervalos irreconstituíveis entre elas.

Os resultados obtidos neste exercício crítico, que promoveram a análise sobre o homem e o artista Ferreira de Castro e duas de suas narrativas ficcionais, de nenhuma forma pretendem-se fechados, pelo contrário, o estudo empreendido é um convite à reflexão, a outras possibilidades de interpretação, que o leitor, agora, está convocado a dar continuidade.